

JULIANO SPYER

O BRASIL DOS EVANGÉLICOS

**O que o crescimento
pentecostal significa
para o país**

PREFÁCIO DE BISPO ABNER DE CASSIO FERREIRA

JULIANO SPYER

O BRASIL DOS EVANGÉLICOS

**O que o crescimento
pentecostal significa
para o país**

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Juliano Spyer, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Marcos Simas
Preparação: Renata Litz
Revisão: Gleice Couto e Queni Winters
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Filipa Damião Pinto | Estúdio Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Spyer, Juliano

O Brasil dos evangélicos : O que o crescimento pentecostal significa para o país /
Juliano Spyer. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
192 p.

ISBN 978-85-422-4319-2

1. Religião e política – Brasil 2. Democracia – Brasil 4. Antropologia I. Título

26-1727

CDD 322.10981

Índice para catálogo sistemático:
1. Religião e política – Brasil

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe
Garamond Pro e impresso pela
Geográfica para a Editora Planeta
do Brasil em junho de 2026.

SUMÁRIO

Prefácio de Bispo Abner de Cassio Ferreira	7
Apresentação: Quem tem medo dos evangélicos?	11
1. Estigmas, preconceitos e desconhecimento	33
2. Um mosaico difícil de compreender	43
3. Uma vivência religiosa com estilo próprio: experiências e relacionamentos	69
4. Evangélicos fora das igrejas	101
5. Evangélicos e a esquerda, uma relação difícil	123
Conclusão: O que você deve se lembrar deste livro e levar para a vida	143
<i>Agradecimentos</i>	169
<i>Notas</i>	171

ESTIGMAS, PRECONCEITOS E DESCONHECIMENTO

O mais surpreendente sobre o fenômeno evangélico no Brasil não é o seu crescimento exponencial nas últimas décadas. Nem que a cara desse grupo – que hoje representa 26,9% dos brasileiros, segundo o Censo de 2022 – seja preta, pobre, periférica e majoritariamente feminina.³¹ Nem que há algumas décadas cientistas sociais tenham descrito esse fenômeno como sendo modernizante e capaz de elevar os pobres à classe média.

O mais surpreendente é constatar que intelectuais, formadores de opinião e jornalistas em geral nutrem um preconceito irracional e generalizado pelos evangélicos. Conforme escreveu o sociólogo americano David Smilde, que estudou pentecostalismo na Venezuela, para a maioria dos intelectuais “na melhor das hipóteses, o movimento evangélico é uma expressão de inutilidade; na pior, de imperialismo cultural”.³²

Os quatro anos de bacharelado em História na Universidade de São Paulo (USP) não me prepararam para o choque cultural de viver em um bairro na “periferia da periferia” de

Salvador. A minha pesquisa de doutorado não era sobre religião, mas é impossível estudar o Brasil popular hoje sem considerar esse fenômeno.

Em termos de religião, havia no bairro uma igreja católica, nove terreiros de candomblé e mais de oitenta igrejas evangélicas das mais diversas denominações e tamanhos, presentes em quase todas as ruas.

Essas igrejas locais cumprem a função de Estado de bem-estar social informal. Dentro delas, as pessoas são tratadas pelo nome e suas crianças têm atividades no contraturno escolar enquanto os pais trabalham. E a rede de ajuda mútua se articula para oferecer cesta básica a quem precisa, encontrar emprego e viabilizar internações e consultas com especialistas.

Por que, então, pessoas identificadas com valores como justiça social e combate à desigualdade continuam míopes em relação às consequências positivas desse fenômeno de dimensões nacionais?

Claudia Fonseca, uma das antropólogas mais importantes em atividade no país, comparou a separação entre brasileiros das camadas médias e altas e o “Zé Povinho” com o apartheid, o regime segregacionista implantado por muitos anos na África do Sul. Ela escreveu que o abismo entre classes no Brasil é tão agudo que esses mundos só se encontram em duas ocasiões: quando patrões e empregada conversam na cozinha durante o café da manhã e em situações de assalto.³³

O preconceito é de classe. Quanto mais perto o pobre está fisicamente, mais ele incomoda e é “patologizado” por

ser “muito barulhento”, “muito sexualizado”, “muito religioso”, “alienado”, “despreparado”, “não saber votar” e “ter famílias desestruturadas”. Mas o pobre evangélico não aceita ser tratado como criança ou vitimizado, e por isso é visto como alguém “ousado” que “não sabe seu lugar”.

Por causa da atitude desinformada e preconceituosa dos intelectuais em relação ao cristianismo, líderes religiosos e pastores midiáticos se apresentam convincentemente para a sociedade como porta-vozes dos evangélicos, um grupo gigante e muito diverso. E ao associar qualquer evangélico a Malafaias, Macedos e Felicianos, esses intelectuais entregam (na prática, empurram) mais de 60 milhões de brasileiros para o colo de políticos conservadores.

Nos faltam palavras para analisar com precisão o que interessa à sociedade sobre o campo evangélico. O leitor não especialista desconhece termos como neopentecostal, renovado ou reformado. Resta-nos, no debate público, classificar os evangélicos como conservadores e progressistas para examinar temas complexos, como a influência da moral religiosa na produção de livros didáticos.

O problema é que conservador e progressista são conceitos vagos. Por exemplo, como classificar igrejas inclusivas, que acolhem cristãos LGBTQIA+, mas mantêm uma posição contrária ao restante da agenda progressista? O que dizer de evangélicos que votam em candidatos de esquerda, sendo conservadores no âmbito moral? E qual é a utilidade de falar em progressistas quando o número de evangélicos que defendem pautas como a legalização das drogas ou do aborto – me refiro a evangélicos no campo popular – é inexpressivo?

Por esses motivos, hoje, os dois termos são usados como sinônimos para evangélicos “do bem” ou “do mal”. Precisamos ampliar esse vocabulário.

A antropóloga Christina Vital, da Universidade Federal Fluminense (UFF), propõe uma solução para abrir esse debate no artigo: “Evangélicos críticos no Brasil: uma análise sociológica”. Ela chama de “críticos” o subgrupo que é conservador nos costumes, mas se diferencia de fundamentalistas, que são aqueles que leem a Bíblia de maneira literal, como verdade inquestionável. Para fundamentalistas, por exemplo, se a Bíblia diz que apenas pessoas casadas podem se relacionar sexualmente, essa é a verdade. Se a Bíblia não faz referência a racismo, quer dizer que o tema não é relevante. O crítico, por outro lado, enxerga a Bíblia como um texto a ser interpretado à luz do entendimento presente. Por isso, ele ou ela é mais receptivo ao debate com outros setores da sociedade.³⁴

Segundo essa proposta, o evangélico crítico também se contrapõe ao fundamentalista por ser comprometido com a justiça social e ambiental, democracia e direitos das minorias, podendo se orientar entre partidos de centro, centro-esquerda e esquerda nas eleições. Apesar de geralmente não participarem de campanhas políticas, os líderes críticos questionam práticas fundamentalistas e ideologicamente gravitam entre liberalismo, social-democracia e socialismo.

Falar em *fundamentalistas* e *críticos* é produtivo também, porque são termos pluridenominacionais. Eles independem da afiliação com uma igreja.

A solução de Christina entende a necessidade de ter conceitos simples para substituir *progressista* e *conservador*. E cria

uma alternativa a partir da noção de fundamentalismo, que é suficientemente clara. É uma proposta engenhosa e útil.

Conversar ou enfrentar?

Afinal, é preciso conversar com os evangélicos ou devemos enfrentá-los? Essa é uma pergunta que está nos corações e nas mentes de brasileiros que veem com preocupação o crescimento da influência desse grupo no campo político.

Quando vejo pessoas falando sobre a necessidade de “enfrentar os evangélicos”, lembro do desabafo que um líder cristão fez ao advogado Pedro Abramovay, da Open Society Foundation:

Eu luto há quinze anos contra Malafaias e Felicianos. Mas cada vez que eles fazem um comentário homofóbico ou misógino, a esquerda os “xinga” de evangélicos e não de homofóbicos ou misóginos. E eu não posso admitir que se xingue alguém de evangélico.³⁵

Há alguns meses, o Brasil testemunhou a liderança da bancada evangélica recuar em relação à ao Projeto de Lei 1904 porque a sociedade – inclusive evangélicos – não concordou com a ideia de que a mulher grávida de um estupra-dor seja condenada à prisão. Isso mostra que a generalização – ou chamá-los de *seita pentecostal* ou de *ETs pentecostais* – expõe o desinteresse por essas pessoas e por sua religião. E prejudica aqueles que, de dentro, resistem ao sequestro político de suas comunidades de fé.

E como o outro lado vê esse debate? “Me incomoda ouvir que a esquerda tem que conversar com os evangélicos, como se fossem mundos diferentes”, desabafa o evangélico e cientista social Leonardo Rossatto. “O que falta é a esquerda incentivar aqueles que já estão nas igrejas.”³⁶

Mas a ideia de *falar com os evangélicos* pode, às vezes, querer dizer domesticá-los, convencê-los a deixar de ser quem eles são. Isso é dito como se fosse autoevidente que religião – e tudo associado a ela – é besteira, conto da Carochinha.

Em que medida, então, o chamado para combater o fundamentalismo esconde a intenção de atacar quem é apenas conservador? Foram essas pessoas que apedrejaram a campanha de Marina Silva em 2014 por ela ser evangélica e conservadora nos costumes. O desafio dos “setores esla-recidos”, portanto, não é falar com evangélicos, e sim com cristãos conservadores, o que inclui uma parte dos católicos e dos espíritas.

Por que falar com eles? Porque, neste país, eles representam um número maior de eleitores. E, democraticamente, eles têm os mesmos direitos de expor seus valores e defendê-los nas urnas. Diante disso, ao abandonar a bandeira da família para Bolsonaro, o petismo em específico sinaliza que quer o voto dos evangélicos, mas não quer dialogar com eles.

Um dos slogans internos da campanha vitoriosa de Bill Clinton na corrida presidencial dos Estados Unidos em 1992 foi “É a economia, estúpido!”. No Brasil de 2022, a candidatura de Bolsonaro se apossou da defesa da família.

Os estudos da antropóloga Claudia Fonseca sobre o Brasil popular sugerem um caminho para entender por que o PT continua vulnerável a esses ataques. Na conclusão do

livro, não por acaso intitulado *Família, fofoca e honra*, ela explica:

De algum modo, o Brasil se apresenta como um caso extremo da sociedade de classes. Aqui, a diferença entre a elite – de uma sofisticação cosmopolita – e o zé-povinho não cessa de crescer... No plano cultural, isso criou um sistema que, em muitos aspectos, pode ser comparado ao apartheid da África do Sul... Em resumo, para muitos brasileiros, os únicos momentos de contato interclasses se produzem na conversação com a faxineira ou durante um assalto. As barreiras de três metros de altura erigidas diante das casas burguesas são como uma metáfora do fosso quase intransponível entre os dois mundos.³⁷

Ser religioso está na moda de novo

Durante muito tempo ouvimos que o avanço da educação levaria à secularização da sociedade. Mas esse tema é mais difícil de ser superado do que os humanistas anteciparam.

Se as pessoas que declaram não ter religião no Brasil constituíssem uma igreja, ela seria a terceira maior do país,³⁸ depois de católicos e evangélicos. Mas apenas uma fração delas se considera atea ou agnóstica. Ser sem religião indica que a pessoa não frequenta uma comunidade de fé regularmente, mas a maioria acredita no sobrenatural e na continuidade da vida após a morte física.

Sociólogos e antropólogos argumentaram nas últimas décadas que o crescimento evangélico está associado

à pobreza. Templos se multiplicam nas periferias porque funcionam como redes de assistência social. Como explicar, então, a expansão de igrejas de alto padrão chamadas de *churches*?

O sociólogo Diogo Corrêa argumentou, ao debater o tema comigo, que a expansão evangélica nas camadas médias e altas da população pode estar relacionada à polarização e à guinada conservadora da sociedade.³⁹ Artigos publicados no *Washington Post* e no *New York Times* apresentam explicações complementares.

Os Estados Unidos andaram muitos anos na contramão dos países ricos em termos de religião. Lá o cristianismo permanecia parte da vida mesmo de famílias abastadas. Mas a partir dos anos 1990, essa tendência mudou de rumo e mais jovens cresceram sem a obrigação de frequentar igrejas. Agora eles buscam essa vivência por conta própria.

Na ausência de experiências formais, esses jovens procuram alternativas para cultivar sua espiritualidade. Uma reportagem de 2023 do *Washington Post* registrou que esse segmento está mais interessado por astrologia, tarô, yoga ou pelo consumo de substâncias psicoativas como cogumelos e ayahuasca.⁴⁰

A repórter do *New York Times*, Lauren Jackson, condensou um ano de trabalho examinando por que a religião está em alta no país desde 2015.⁴¹ E a conclusão é que nada substitui essa prática satisfatoriamente. A reportagem apresenta um cenário complexo, associado, entre outras coisas, aos efeitos psicológicos provocados pela pandemia da covid-19. Somos informados sobre a conversão de hipsters e de profissionais do setor tecnológico. Originalmente conquistados

pelo neoateísmo de autores como Richard Dawkins, eles vêm redescobrando práticas religiosas.

Mas por trás dessa guinada está a percepção de que a espiritualidade melhora a qualidade de vida. Ouvindo muitos especialistas, a repórter explica que a fé institucional oferece um pacote de *serviços* que inclui maneiras para lidar com crença, pertencimento e regras para a vida.

A crença ajuda a responder perguntas existenciais como “o que faço aqui?” ou “por que estou atravessando esta dificuldade?”. O pertencimento se materializa em redes de solidariedade que, além de afeto, ajudam a resolver problemas. As regras, por sua vez, servem como guia para orientar decisões em um mundo acelerado.

Agora ateus e agnósticos terão que oferecer mais do que apenas argumentos para conquistar novas audiências.

“Mais do que um livro sobre religião, esta é uma obra sobre o Brasil. Juliano Spyer nos convida a abandonar caricaturas e compreender um dos fenômenos decisivos do país. Li trechos em voz alta para o pessoal de casa e aprendi muito.”

— **Natuza Nery**

“Antropólogo com artes de jornalista, repórter com talento de autor, Juliano Spyer é escritor que faz de tese, literatura – porque só a boa literatura pode nos modificar, transformar nosso olhar, fazer com que, a partir de nossos sentimentos, altere nosso pensamento.”

— **Pedro Bial**

“Em tempos de opiniões rápidas e diagnósticos preguiçosos, Juliano Spyer fez algo cada vez mais raro: escutou. Foi a campo, conviveu com evangélicos e transformou curiosidade em método. O resultado é um livro que nos lembra o melhor da tradição antropológica: aquela que suspende preconceitos para compreender como as pessoas dão sentido às suas vidas.”

— **Michel Alcoforado**

“Mais do que explicar o crescimento evangélico, este livro desfaz a caricatura que impede o Brasil de compreender a si mesmo: a fé que inquieta a democracia também sustenta redes de cuidado, cidadania e ascensão nas periferias.”

— **Felipe Nunes**

Em meio ao temor crescente de que o Brasil caminhe rumo a um “Evangelistão”, o antropólogo e jornalista Juliano Spyer traça neste livro um retrato vivo e multifacetado de um dos fenômenos sociais mais decisivos do país, marcado por tensões entre extremismo e moderação, fé e política, tradição e transformação. A partir de uma imersão profunda nas periferias, Spyer revela como as igrejas evangélicas atuam muito além do campo religioso: são redes de apoio, espaços de pertencimento e, para muitos, caminhos reais de ascensão social. Sem ignorar contradições, ele ilumina as complexidades de um universo frequentemente reduzido a caricaturas – e propõe uma chave indispensável para compreender o Brasil contemporâneo e seu futuro democrático.